GIROS ETNOGRÁFICOS EM MINAS GERAIS

John Comerford | Ana Carneiro | Graziele Dainese org.

GIROS ETNOGRÁFICOS EM MINAS GERAIS

Casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

7 LETRAS

© 2015 John Comerford, Ana Carneiro, Graziele Dainese

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação Editorial

Isadora Travassos

Produção Editorial

Cristina Parga
Eduardo Süssekind
Rodrigo Fontoura
Sofia Soter
Verônica Montezuma
Victoria Rabello

Revisão

André Jobim Martins

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G438

Giros etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo / organização John Comerford; Ana Carneiro; Graziele Dainese. - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7 Letras : FAPERJ, 2015.
il.

ISBN 978-85-421-0237-6

1. Etnologia - Minas Gerais (Estado). I. Comerford, John. II. Carneiro, Ana. III. Dainese, Graziele. IV. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

14-10700

CDD: 301
CDU: 316

2015
Viveiros de Castro Editora Ltda.
Rua Visconde de Pirajá 580, sobreloja 320 – Ipanema
Rio de Janeiro | RJ | CEP 22410-902
Tel. (21) 2540-0076
editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Sumário

Apresentação e agradecimentos 7
John Comerford, Ana Carneiro, Graziele Dainese

Giros etnográficos em Minas Gerais:
conflito, casa, comida, prosa, festa, política e o diabo 9
John Comerford, Graziele Dainese, Ana Carneiro

Córregos em movimento: famílias, mapeamentos
e assuntos na Zona da Mata mineira 29
John Comerford

Chegar à Terceira Margem:
um caso de prosa, paixões e maldade 45
Graziele Dainese

Da "consideração" e da acusação:
notas etnográficas sobre reputação, fofocas e rumores na política 65
Luiz Felipe Rocha Benites

O sistema da mexida de cozinha: de que riem eles? 93
Ana Carneiro

A festa dos outros: fundamento e sistemas nas folias de Urucuia, MG 111
Luzimar Paulo Pereira

Canto, voz e presença:
uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras 139
Wagner Diniz Chaves

De Gerais a Sertão: sobre casa, comida, terra e criação 167
Carmen Silvia Andriolli

As andanças no vasto, o fogo no vazio: paisagens sociais e ambientais da perspectiva de realocados do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, no norte mineiro 191
Camila Pinheiro Medeiros

Mineiros no Morro dos Prazeres:
Trajetórias marcadas pelo fluxo entre a roça e a cidade 205
Rodica Weitzman

Sobre os autores 233

Apresentação e agradecimentos

A presente coletânea é composta por versões modificadas de trabalhos apresentados no Seminário "Giros etnográficos em Minas Gerais: conflito, casa, comida, prosa, festa, política e o diabo", realizado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Museu Nacional (PPGAS/Museu Nacional/UFRJ) nos dias 29 e 30 de agosto de 2012. O seminário sucedeu-se a uma oficina de trabalho realizada em abril do mesmo ano, também no PPGAS/Museu Nacional, com alguns dos pesquisadores que participariam do seminário. O encontro foi motivado por Moacir Palmeira, que acompanhara essas pesquisas, seja como orientador, seja como examinador em banca de defesa, e nos provocou a explorar as possibilidades abertas por algumas coincidências. Não só a (relativa) contingência de terem sido feitos em localidades do mesmo estado da federação, mas principalmente as diversas maneiras com que confluíam e se relacionavam. Desse modo, mais do que a referência a uma "área cultural" comum (o estado de Minas Gerais), ou o alinhamento em torno de um tema ou questão pré-definidos, a coletânea resulta de um esforço de interincentivo ou interinfluência entre as etnografias. Estas, embora sigam seus caminhos próprios – seus próprios "giros", para usar o termo referente às folias que vêm nos inspirando – encontram rumos e cruzamentos interessantes ao se depararem com situações, percepções e relações comuns.

Agradecemos o professor Moacir Palmeira, não só pela ideia e incentivo, conforme já mencionado, como pelo apoio do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), por ele coordenado, e pelos comentários feitos no seminário. Aos debatedores que participaram do seminário, professores Carlos Rodrigues Brandão, Eduardo Magalhães Ribeiro, João Batista Costa, Letícia Bicalho Canedo e Mariza Peirano, agradecemos muito por seus comentários instigantes e pela disposição ao diálogo. Thaís Danton Coelho, do Núcleo

de Antropologia da Política, colaborou enormemente com a realização do evento. Sem o apoio institucional do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e o apoio financeiro do CNPq e da Finep, o seminário não poderia ter sido realizado, e registramos aqui nossos agradecimentos. Vários colegas pesquisadores vêm contribuindo para essas nossas discussões "mineiras" e, fazendo ou não suas pesquisas em Minas, ajudam a extrapolar as delimitações "estaduais" deste nosso movimento inicial. Entre eles, cabe registrar as contribuições de André Dumans Guedes, Ana Claudia Marques, Beatriz Heredia, Christine Chaves, Marcio Goldman e Patrícia Mafra.

Como responsáveis pela organização do seminário e da coletânea, gostaríamos de agradecer a persistência, a disposição para a troca e o diálogo dos colegas que nos acompanham nesse "giro" coletivo, que acabou resultando não só em um livro mas também em algo como um "povo" cuja prosa "dá bem". Por fim, um obrigado especial aos anfitriões e interlocutores de todos nós, cujas combinações de hospitalidade, prosa elaborada, gentileza, destreza culinária, boas cachaças, humor, reflexão, confiança, desconfiança, e tolerância foram nos deixando cada vez mais "incutidos" com o que encontramos por lá.

John Comerford
Ana Carneiro
Graziele Dainese

Giros etnográficos em Minas Gerais: conflito, casa, comida, prosa, festa, política e o diabo

John Comerford, Graziele Dainese, Ana Carneiro

O presente texto pretende circunscrever algumas das questões debatidas na oficina de trabalho realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ (PPGAS/MN/UFRJ) em abril de 2012, e depois sistematizadas para a abertura do seminário "Giros etnográficos em Minas Gerais: conflito, casa, comida, prosa, festa, política e o diabo" realizado também no PPGAS/MN em agosto de 2012. Ambos os eventos reuniram pesquisadores que vêm realizando trabalhos de campo em diferentes regiões de Minas Gerais.[1] Seja porque, por diversos caminhos, tomáramos conhecimento uns das pesquisas dos outros, seja por termos sido alertados por Moacir Palmeira, que conhecia vários dos trabalhos (por ter orientado alguns e participado das bancas de outros), sabíamos da existência de confluências de temas e preocupações, bem como de variações interessantes no plano etnográfico e no rumo de abordagem. Na oficina de abril de 2012, com exceção do trabalho de John Comerford, as demais pesquisas eram bem recentes (apresentando-se os resultados de quatro teses e uma dissertação, defendidas todas nos últimos três anos). O debate certamente não se restringe a esse conjunto de teses, ou a pesquisas feitas em

1 A oficina e o seminário foram promovidos pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e pelo Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), coordenado por Moacir Palmeira, a quem agradecemos pela ideia inicial de reunir os pesquisadores e pelas discussões e incentivo ao longo de todo o processo. Na oficina, apresentaram trabalhos Ana Carneiro Cerqueira, Graziele Dainese, Luis Felipe Benites, Rodica Weitzman, Luzimar Pereira e John Comerford. No seminário, além destes pesquisadores, também apresentaram trabalhos Camila Medeiros, Wagner Chaves, Carmen Andriolli e Christine Chaves, aos quais não se faz referência neste capítulo por ter sido ele concebido como comentário e sistematização da discussão realizada na oficina inicial, da qual estes pesquisadores não participaram. Contamos com a valiosa contribuição de Mariza Peirano, Letícia Canedo, Carlos Rodrigues Brandão, Eduardo Magalhães Ribeiro e João Batista de Almeida Costa como debatedores. Os eventuais erros e imprecisões presentes neste artigo são, contudo, de inteira responsabilidade dos autores.

Minas Gerais, mas aí se anuncia de modo suficientemente intenso para propiciar a vontade de conversar. Com essa intenção realizamos a oficina lançando mão de um formato em que cada um ficou responsável pela leitura e comentário do trabalho de outro, até que o círculo se fechasse. Apelidamos este procedimento de "giro", inspirados pelo nome dado ao *giro* da Folia de Reis e que também pode servir, no norte de Minas, como referência em tom de gracejo a uma sequência de visitas a casas vizinhas.

A discussão confirmou a desconfiança de que encontraríamos muitas áreas de preocupação comum, produzidas por experiências em campo também bastante aproximáveis, e ao mesmo tempo variações iluminadoras dessas mesmas experiências. O diálogo fluiu fácil, de modo que o difícil foi conseguir dar forma, e assim "estabilizar" provisoriamente essa "prosa animada" e ainda em curso, para poder transformá-la em mote para um diálogo mais amplo, que se iniciou no seminário realizado em agosto de 2012. Nesta ocasião, contamos com a apresentação de pesquisas de outros colegas também realizadas em Minas Gerais e cujas análises se aproximam das questões aqui levantadas, e com as contribuições de debatedores que trabalham ou já trabalharam nas regiões em que se desenvolveram as pesquisas apresentadas. O presente texto pretende, portanto, continuar o esforço de ampliar o diálogo em torno das questões que orientaram a produção do seminário. Não nos caberá por ora explorar mais sistematicamente as diferenças entre os trabalhos lidos, mas apenas mapear temas e questões, esperando que as convergências tragam pistas a serem esmiuçadas posteriormente, no desenrolar de novos giros e conversas.

Em qualquer das regiões ou municípios onde tenham sido feitas e por mais diferentes que tenham sido seus recortes e objetos, as pesquisas discutidas na referida oficina tiveram por base, em larga medida, a presença do pesquisador no interior de casas e cozinhas, em meio a um punhado de parentes e famílias. Mesmo tendo elaborado experiências, observações e relações tecidas em outros lugares e circunstâncias, essas pesquisas têm em comum o fato de terem constituído as relações que permitiram produzi-las à medida que os pesquisadores foram firmando presença nas cozinhas "da roça". Não que, uma vez tendo chegado à cozinha, tenham apenas ficado parados, aconchegados ali. Ao contrário, todas as pesquisas envolveram muitos deslocamentos. E também envolveram buscar *movimento*, participar de festas, folias, campanhas eleitorais, reuniões e cursos sindicais. Mas é que, ao *chegar* a uma casa e aceitar o café com biscoito ou queijo, depois o

almoço, o de-comer, detendo-se ali por tempo suficiente (ainda que ao sair seja sempre "cedo ainda"), e desse modo afirmar publicamente uma relação com alguém (e ser convidado a confirmá-la, porque "depois cê volta"), um alguém que é de alguma família, que é parente de outro alguém ("parente de quem? De qual família?"), os pesquisadores de variáveis maneiras parecem ter passado a perceber os seus deslocamentos e os dos seus interlocutores – que também estão frequentemente em deslocamento, circulação e em busca de *movimento* – a partir desse *chegar* a uma *casa* (sempre cuidadosamente observado, vigiado e comentado nas outras casas) e, uma vez dentro da casa, ir (ou não) sendo puxado à *cozinha* onde, como diz o *povo* dos Buracos pesquisado por Carneiro, a comida vai puxar a prosa. E a prosa depois vai puxar texto, que vai puxar ainda outros modos de conversa.

Os trabalhos debatidos na oficina evidenciam por diferentes caminhos a mútua implicação entre as tensões da organização mais interna da família e do "espaço doméstico", por um lado, e por outro, as delimitações, divisões e redivisões de "comunidades morais" ou "coletivos" de diferentes naturezas, abrangências e consequências, que estão sempre em constante formação e re-formação. Trata-se de etnografias marcadas por deslocamentos que se detêm e que recomeçam em *casas* e *cozinhas*. Descrevem os modos pelos quais práticas domésticas e cotidianas vão constituindo e modulando coletividades ao produzir e reproduzir tensões e antagonismos em planos diversos, com implicações para a política, a atuação de agências do estado e de sindicatos, os circuitos de migração, os fluxos de dinheiro, e assim por diante. Além de trazer para o centro da cena noções como *sangue*, *sorte*, *paixão*, *maldade* e outras, que aparecem incrustadas nessas práticas cotidianas de domesticidade, vicinalidade e circulação.

Para os fins deste texto, organizamos o resgate das discussões da oficina lançando mão de eixos intercruzados. Desejamos que ofereçam certa estabilidade provisória à interlocução (como um "pouso" durante a caminhada), apontando algumas sugestões para possíveis rumos de análise.

GIROS

Os trabalhos aqui enfocados investem na ideia de que os deslocamentos são experiências especialmente significativas para os moradores de pequenos municípios e localidades rurais de diversas regiões do estado de Minas Gerais. Destas experiências se destacam as mudanças ou idas temporárias

para outras cidades ou regiões, as vivências das festas religiosas, da política, e também as andanças, visitas e chegadas às casas de vizinhos, parentes e conhecidos, mais próximos ou mais distantes (no sentido geográfico e social).

O movimento das pessoas que partem da roça para a cidade surge com mais destaque na dissertação de mestrado de Weitzman (2011), ao abordar "mineiros" que atualmente residem em um "morro" carioca, o Morro dos Prazeres, no bairro de Santa Teresa, região central da cidade do Rio de Janeiro. Para essas pessoas, embora a cidade seja o lugar escolhido para morar, a roça tampouco deixa de ser um lugar almejado. Esta etnografia sugere que o que está em jogo nesses deslocamentos é mais um *ir e vir* e menos um circuito que parte de uma origem para encontrar seu término. Há um ir e vir através das viagens e das visitas aos parentes e conhecidos, moradores do município de Ubaporanga, no vale do Rio Doce. A roça é vivida nesse regresso, porém essa não é a única possibilidade de manter laços com uma experiência supostamente abandonada. Chegar ao Rio de Janeiro e ter um lugar para morar – uma *casa* – mobiliza uma trama de relações que foram constituídas em Minas Gerais, e hoje se reforçam e se complexificam no processo da migração. Na construção e morada efetiva na *casa* do *morro,* ressoa um modo de vida: o contato entre mais próximos, criado através das dinâmicas de solidariedade e do constante trânsito domiciliar. Sobretudo, a relação com um quintal evoca a roça e se associa à cozinha, ao que nela se prepara.

Mas os deslocamentos e a mobilidade não se restringem ao movimento rumo à cidade. Os festejos religiosos na área rural e em pequenas cidades e povoados, tal como descritos por Pereira (2011), são acontecimentos singulares por explicitar e mesmo celebrar a maneira como a mobilidade integra esses modos de vida. Os giros das folias instauram um recorte específico à vida social ("o tempo das festas"), na medida em que intensificam os encontros entre as pessoas, assim como potencializam as relações com "o sagrado". Ao pensar as folias como "festas em movimento*",* Pereira descreve os trânsitos específicos vivenciados por pessoas e santos durante um período extraordinário, bem como uma "ritualização da visita", em que os *giros* atualizam e intensificam hábitos cotidianos que, quando vividos no contexto das jornadas, se articulam a "eventos cosmológicos como o nascimento de Cristo" e assim, "põem em atuação a própria noção de sagrado" (Pereira, 2011).

A ideia de que os *giros* de folias consistem em "ritualizações da visita" é explorada por Ana Carneiro (2010) em seu trabalho sobre "o povo dos

Buracos", localidade situada no município de Chapada Gaúcha, no norte de Minas Gerais. Em sua etnografia, a autora aborda esse argumento mais interessada em entender a visita do que as folias. Mas foi a participação em uma dessas jornadas que lhe deu a ocasião de perceber a conexão entre o ir e vir do ritual e as andanças mais corriqueiras, um modo dando a falar sobre o outro. Em sua tese, Carneiro destaca como os deslocamentos humanos têm um "apelo descritivo" para esses modos de vida, visto que nos Buracos, o falar sobre a vida implica narrar deslocamentos, andanças, visitas e rastros. O *povo* é "dos" Buracos porque se constitui na circulação de prosa e comida, pela qual se traça um território a um só tempo geográfico e existencial. Se o deslocamento leva o "povo" para destinos espacialmente distantes, há um plano desse 'rastro' que se replica nas vizinhanças buraqueiras.

As descrições da vida nessas diferentes localidades pesquisadas demonstram que tão importante quanto a circulação é a existência de um lugar onde o deslocamento possa se estabilizar. É nas *casas*, principalmente nas cozinhas, que se cria estabilização ao vincular pessoas: é ali que a intimidade partilhada transforma os que chegam em "parentes" ou "conhecidos", afinal, o chegado não é um indivíduo qualquer, posto que *chegar* a uma *casa* pressupõe a pertença a uma família, povo, comunidade. Por outro lado, o lugar de maior conforto e estabilidade é também aquele onde um inesperado desequilíbrio pode ter as piores consequências.

Uma das motivações para a mobilidade é ir ao encontro da boa *prosa*. Essa predileção, tão salientada nos diversos trabalhos, é problematizada por Comerford (2003) e por Carneiro (2010). O trânsito que intensifica as relações entre as pessoas é motivado pela conversa, e a conversa, em sua dinâmica específica, é potente para fazer relações – mas também para desfazê-las. A prosa conecta e também desconecta; familiariza e desfamiliariza. Nesse sentido, a circulação que cria o *povo*, a *família*, os *parentes*, não é apenas de pessoas, mas também de palavras.

Para os moradores da localidade pesquisada por Dainese (2011) o movimento não é apenas deslocamento, é também *animação*. Nos outros trabalhos, outros termos dialogam com essa ideia de *movimento-animação*, a exemplo do *barulhar* mencionado por Carneiro (2010), tradução buraqueira para a vivacidade dos encontros entre as pessoas, garantida pelo ritmo criado pela circulação de palavras. Tal como sugere Comerford, a prosa é dessas práticas que explicitam o prazer de estar junto: é lúdica e criadora da vivacidade, algo que se busca nas *brincadeiras*, nos *causos*, mas também nas

fofocas. O que não impede que haja mudanças, mesmo que súbitas, de rumo da prosa, transformando vivacidade prazerosa em antagonismo tenso (mas talvez igualmente vivaz). Da mesma forma que prosa, festa e política são potentes em acelerar o ritmo da vida agitando as tramas da vida em comum.

CONFLITO

A palavra "conflito", de pouco uso entre os nossos interlocutores em campo, mostrou-se provisoriamente útil para evocar uma dimensão importante daquilo que em campo aparecia ora como situações de tensão implícita mas constitutiva, ora como momentos de agressão aberta, e também como narrativas detalhadas de situações de agressão. Mas se esse termo serviu como ponto de partida, as etnografias trouxeram outros termos e expressões usados para circunscrever diferentes formas pelas quais tensões e antagonismos são concebidos, socialmente articulados e vividos.

Na situação analisada por Dainese (2011), a *política* e os *desentendimentos* entre próximos fazem com que se expresse e valorize um saber relativo a como ser *controlado*, ao cuidado no relacionar-se uns com os outros. Trata-se não apenas de controlar *paixões* ou saber "chegar nas casas". Há também um saber lidar com as situações inesperadas de "descontrole". E há ainda um saber referente a como circunscrever as linhas e tensões que podem levar ao descontrole. Junto com esse conhecimento há uma contínua reflexão sobre paixão e sobre ser controlado ou descontrolado, assim como sobre os *lados* que se manifestam quando afloram as paixões e se deixa de controlar: tanto os *lados* de uma divisão política, quanto o *lado* "não tão bom" de cada um e de cada *comunidade*.

No trabalho de Benites (2010), do mesmo modo que no de Dainese (2011), o *tempo da política* condensa expectativas de polarização, e nele se acionam diversas modalidades de desafio e de ataque à reputação. Mas essas modalidades estão também presentes difusamente no cotidiano das vizinhanças – na forma de "falta de consideração" ou, inversamente, na excessiva "adulação", ou ainda, nas sempre possíveis evocações pejorativas das classificações étnico-raciais. Os desentendimentos que podem surgir no cotidiano também estão, na análise de Benites, atravessados pela possibilidade de acionar forças extramundanas por meio de trabalhos e rezas, ou ainda através da possessão por espíritos envolvidos com desentendimentos. Na pesquisa de Pereira (2011), também é particularmente presente a

possibilidade de "*desentendimentos*", "agressões", "brigas", e "malinagens", durante todo o ciclo de preparação e realização da folia, mesmo sendo a festa concebida como momento de amplo congraçamento. Também aqui há um saber codificado e formalizado para fazer com que as modalidades de encontro e mobilização necessárias para produzir o *movimento* e a *festa* não levem ao descontrole. O uso da cachaça, o contato entre homens e mulheres, a organização do percurso, a maneira de chegar ao terreiro e à *casa*, os deslocamentos no interior da casa, a maneira de receber, tudo isso valida a necessidade de controle, sendo este encarnado na hierarquia constitutiva do grupo responsável por fazer a folia acontecer, grupo cujo pertencimento supõe um saber incorporado.

Na Zona da Mata, estudada por Comerford, o tema do conflito também remete a modalidades de controle e descontrole cultivadas no cotidiano, constituindo o que os seus interlocutores por vezes sintetizaram como *saber viver*. Entre o *respeito*, a *brincadeira,* a *provocação*, e as *brigas*, as pessoas vão experimentando suas relações e as conhecendo ao mesmo tempo. Os encontros são recheados de ambiguidades em função do conhecimento compartilhado quanto às tensões constitutivas do quadro das relações sempre "em mapeamento". As situações em que o antagonismo potencial se torna desempenho agonístico são atentamente observadas e tornam-se foco de narrativas que funcionam como marcos. Os conflitos e sua transformação em narrativas (ou vice-versa) jogam com o movimento e o deslocamento em múltiplos planos: a violação de corpos, *casas* ou territórios de parentesco é movimento, e resulta sempre em deslocamentos físicos e existenciais relativamente imprevisíveis, deslocamentos de relações que impelem novos mapeamentos.

Em sua etnografia junto ao *povo* dos Buracos, Carneiro (2010) mostra que no chegar às *casas*, e a partir daí na *prosa* e na preparação e oferecimento da *comida*, há sempre um *cálculo*, como dizem os seus interlocutores. Na *prosa,* por exemplo, o *cálculo* do que e como deve ser dito ou não dito ou entredito supõe o conhecimento das linhas de tensão que atravessam e constituem as relações. A possibilidade de a *prosa* resultar ruim e constituir essa figura da inimizade que é o *prosa-ruim* está sempre presente, e só por meio do bom *cálculo* é possível evitá-la, ou lidar e conviver com os *prosa ruim*, ao mesmo tempo fixando-lhes a reputação. Incrustado nesse cálculo que supõe a tensão e o potencial de antagonismo está um agir sobre aproximações e distâncias, divisões e agrupamentos, que resulta a cada momento em determinado arranjo de *povos*, *pessoais* e *parentesas*.

Como já foi apontado ao falarmos dos "giros", várias das etnografias em questão dirigem sua atenção aos modos de *chegar* nas *casas* e delas sair. Não se chega a uma casa de qualquer maneira, nem se sai dela de qualquer forma. Esses modos de agir são constitutivos da definição de "casa", assim como o são os trânsitos diversos entre as casas, e também os deslocamentos em seus interiores.[2] Toda esta movimentação costuma ser, portanto, objeto de vigilância, controle, conhecimento, elaboração, reflexão.

A tese de Dainese (2011) está fortemente centrada no "entre casas". O *chegar* supõe conexões específicas, visto que as pessoas não chegam e não são recebidas da mesma maneira. Referindo-se à hospitalidade, tal como vivenciada pelos moradores da localidade estudada, Dainese argumenta que o "receber bem" é observado entre aqueles que partilham de certa proximidade, os *conhecidos*. A proximidade assim cultivada não apenas indica a pertença, é também *criadora* desses vínculos. O trabalho de Dainese aponta ainda para a percepção nativa da anomalia representada pela casa na qual quis ser anfitriã. Pensou em estabelecer-se ali durante o trabalho de campo, como mulher sozinha, mas as pessoas nem mesmo sabiam como ou quando *chegar*. O potencial dessa relação equívoca entre pessoa e casa incide sobre um caso exemplar de *desentendimento*, fornecendo o eixo etnográfico para a reflexão de Dainese. Isto não quer dizer que configurações mais regulares na constituição da *casa* eliminem os *desentendimentos*. Uma *casa* regularmente constituída, que permita chegar e sair de forma socialmente compreensível, será um elemento na observação e no controle. Esse conhecimento será central não só na gestão dos desentendimentos, mas também na produção deles.

Os deslocamentos nos interiores da casa, indissociáveis da preparação, oferecimento e circulação de comida, também acionam fronteiras e disposições constitutivas da socialidade "roceira". Na análise da Folia de Reis feita por Pereira (2011), os foliões e o santo chegam atentos aos sinais de recepção emitidos pelo morador, e expressam o reconhecimento de que chegaram a uma *casa*. Os moradores mostram-se ordenadamente como uma família, manifestando que aquela *casa* é o lugar onde se pode receber uma visita. A *casa* se faz *casa* também no chegar e no receber. O chegar da Folia a uma *casa*, na etnografia de Pereira, é indissociável da organização da sequência de

2 Nesse sentido nos pareceu muito útil a noção de "configuração de casas" tal como formulada por Marcelin (1996) e também a análise das relações entre casas no trabalho de Carsten (1997).

casas constitutivas do *giro da folia*, bem como do conhecimento e da gestão dos deslocamentos de outros *giros de folia* (contemporâneos ou passados), bem como de "giros" mais cotidianos. A produção da folia pressupõe, além disso, movimentos entre as *cozinhas*, conectadas por caminhos próprios.

Na dissertação de Weitzman (2011), a casa também é percebida a partir da mobilidade ou do movimento, e, como no trabalho de Dainese, torna-se referência fundamental para a reflexão. Mas a mobilidade, nesse primeiro caso, pode ser expressão da violência. A ameaça de perda da casa em função do desastre das chuvas e da intervenção do Estado,[3] que ameaça torná-los *removidos*, reitera a precariedade de suas *casas*. Recolocam-se então elaborações quanto às condições do movimento de ir e vir constitutivo da vida naquele universo. Essa situação levantou para alguns moradores a possibilidade de retornar à "roça", e este termo se colocou como outro eixo importante para as discussões de nossos trabalhos etnográficos. Em Weitzman, as hortas urbanas recuperam, no limite, um "cuidar" próprio ao modo de vida da *roça.* A *roça* também foi destacada por Benites (2010). Ele sugere que, mais do que um espaço físico ou uma modalidade de produção, está em jogo a evocação de um modo de vida, onde o trabalho duro aparece como necessidade, mas também como valor moral, uma certa temporalidade paciente, uma maneira de se relacionar, em distinção a outras, também conhecidas dos seus interlocutores. Na pesquisa de Benites, o modo de presença na *casa* – cuja associação com a roça demarca qualidades morais – aparece igualmente marcando posições nas redes de relações e nos lugares. Uma observação significativa é que pessoas do lugar que moram nos grandes centros, mantêm *casas* ali na Ribanceira ou em São Romão, de modo a afirmar e viabilizar pertenças que passam por aqueles lugares, algo que aparece também em outros trabalhos.

Na tese de Carneiro (2010), a *casa* está no centro das questões. A *prosa* e a *comida* são atividades da *casa* por excelência. Sob certo aspecto, a *casa* está organizada de acordo com as modalidades de *prosa*, de *comida* e de formas de comer ajustadas aos seus movimentos internos. Também aqui as visitas e a frequência mais cotidiana às *casas* mostram que é impossível pensar na *casa* sem pensar no movimento entre elas – o movimento cotidiano dos vizinhos

3 No ano de 2010, em função de chuvas excepcionalmente pesadas que atingiram o Rio de Janeiro, houve um deslizamento de terra no Morro dos Prazeres, que ocasionou o desabamento de muitas casas e causou a morte de dezenas de pessoas. Nesse contexto, circularam rumores de que a decisão do governo era remover todos os moradores (Weitzman, 2011).

bestando nas casas uns dos outros tanto como os movimentos por ocasião de festas, de falecimentos, doenças, ou política, ou ainda dos que se seguem à chegada dos parentes, vindos dos grandes centros ou em outras localidades distantes. Para aqueles que migram, o gosto pela prosa especial, demorada e animada, é manifestado nos termos da "saudade de estar junto de sua gente". Para Carneiro, *casas* implicam *povos*, *famílias* e *pessoais* em movimentos que podem ser vistos de várias perspectivas: do conjunto das casas dos Buracos em relação a outros locais, ou de uma única *casa* a partir da qual se vê o movimento das pessoas entre *casas*. Em suas relações com o exterior, o *povo dos Buracos* é caracterizado por um constante espraiamento do território, de incorporação do exterior, sem perder de vista a terra local e a casa, que funciona como ponto de força centrípeta. A *intimidade* cultivada nas cozinhas é traduzida por Ana Carneiro (2010) como a "matriz relacional da parentesa". Dado que a existência só é significativa se vivida através das relações de parentesco e que essa existência se tece nas casas, esse clima de *intimidade* vivenciado na cozinha não restringe o espaço aos domínios do doméstico. A *casa* é também domínio público nesse modo de vida.

No trabalho de Comerford (2003), o chegar a diferentes *casas* como um desconhecido em busca de alguém "do lugar" levantou a suposição de uma relação de família ou de parentesco, mostrando como o ato de circular entre as *casas* – observado, interpretado e julgado – vai demarcando territórios de parentesco cujo conhecimento é importante para a produção das relações. Outra *casa* frequentada por Comerford foi a chamada *Casa dos Trabalhadores*: o sindicato. De certo modo, uma casa como as outras, na qual não se entra nem sai de qualquer maneira, cuja frequência é vigiada e interpretada, na qual receber bem e fazer o bom cálculo dessa recepção é crucial. Mas, ao mesmo tempo, necessariamente, uma *casa* como nenhuma outra: é também possível entrar nela não apenas por sua relação com aqueles que em torno do sindicato formam uma coletividade – da qual se diz que é "como uma família" – mas também por ser "trabalhador rural", membro de uma categoria produzida, autorizada e mobilizada por agências do Estado e por movimentos sociais. Com isso, é uma *casa* que introduz um pouco mais de complicação aos já complexos caminhos entre casas.

COMIDA

Na dissertação de Weitzman (2011), a *comida* é o marcador em torno do qual seus interlocutores refletem sobre suas vidas de idas e vindas, e sobre

suas relações com a "cidade" e a "roça", com filhos e netos, com a memória. Retomando em novo contexto classificações alimentares como aquela que distingue comidas "fortes" e "fracas", posicionam-se diante de seus parentes, da cidade, do lugar de origem, e de questões relacionadas ao trabalho e à saúde. O quintal na laje da casa no morro, a roça dos parentes e compadres em Minas, a floresta da Tijuca, onde coletam mudas, ervas e sementes, são pontos de uma rede de produção e de consumo que ora contrasta, ora se conecta com os supermercados e outros estabelecimentos comerciais com acesso a uma variedade de alimentos e formas de consumo inicialmente estranha, depois incorporada pela rede familiar.

Na etnografia de Carneiro (2010) a comida aparece indissociável da casa e da prosa. Oferecer o de-comer é abrir condições para a prosa, dar-lhe movimento e animação. Inversamente, uma boa prosa que se quer demorada porque prazerosa "puxa" a oferta do de-comer: como vimos, a comida puxa prosa que puxa comida, da mesma forma e ao mesmo tempo em que um *causo* vai puxando outro. Através de *causos* e *comidas* compartilhados, uns puxando os outros, cria-se intimidade e costume, algo também assinalado nos outros trabalhos, em particular no de Dainese (2011) e no de Pereira (2011). Carneiro destaca que o modo de fazer a *comida* tem algo de indiscernível do modo de fazer a *prosa*. Através das informações sobre o de-comer, os buraqueiros mapeiam as relações nas quais se veem enredados. As elaborações sobre os sinais que a alimentação emite a respeito das relações humanas estendem-se nas ideias sobre como o de-comer interfere no corpo das pessoas. E assim o não-dizer, o entredito, encontra na cozinha um vocabulário especialmente rico, pois que fala, a um só tempo, de relações familiares e de acontecimentos corpóreos pessoais. Entre estes, o amor e a doença aparecem como temas obrigatórios nas conversas buraqueiras; quando não-ditos valem-se frequentemente da polifonia disponibilizada por metáforas culinárias. Dentre os não-ditos, como assinala particularmente Benites (2011), está a feitiçaria: ali a "mexida" envolve quase sempre "comida", um dos objetos preferenciais para serem "rezados", seja para fazer "comida posta", seja para – ao contrário – "desfazer porqueira", de modo que a *comida* pode constituir elos e conexões, bem como afastamento, ruptura e antagonismo.

Mas não apenas por isso a comida promove ao mesmo tempo conexões e afastamento, ruptura e antagonismo. Pereira (2011), na sua etnografia das folias de Reis, dá lugar de destaque à comida no que se refere ao preparo e ao consumo. Tomando as práticas que transformam em comida o boi oferecido

ao Santo, Pereira mostra como a comida compõe a festa e congraça as pessoas e famílias em diferentes espaços de uma casa. Circunscreve assim minuciosamente as mediações envolvidas nessa transformação, buscando-as em cada uma de suas etapas. As práticas de obtenção, preparação e consumo da comida criam mediações entre o sagrado e o profano, o masculino e o feminino, o interior e o exterior da casa, a festa e o cotidiano, a cozinha e o terreiro ou a sala, e assim por diante. Assim como as demais atividades envolvidas na festa, aquelas que se referem ao alimento necessitam de um cuidado especial; o sucesso da festa é frágil, e a comida será percebida e comentada como parte central deste sucesso (ou insucesso). Os momentos festivos costumam aliás chamar um outro personagem, apresentado por Benites (2010), que insiste em desrespeitar a etiqueta e os cuidados da "chegada" e da relação com a comida: o "boca-livre" que, junto com o "prosa-ruim", vai compondo uma pequena galeria dos que merecem evitação e desprezo.

FESTA

Tanto no trabalho de Benites (2010) quanto no de Luzimar Pereira (2011), a realização das festas religiosas é observada em suas conexões com a vida cotidiana, fazendo-se através das visitas, trocas recíprocas, rezas, almoços, jantas, chegadas. Por mobilizar intensamente os hábitos da vida costumeira, as festas reforçam as dinâmicas de pertença. Nas localidades onde essas dinâmicas se sobrepõem à vida religiosa, os festejos também se notabilizam por estimular a vivência da religiosidade. Mas isso não significa que eles não possam se atualizar em situações mais profanas. Podendo a festa ser traduzida como "movimento" e/ou "animação", durante a *política* o termo é recorrentemente mencionado. Festa é definição de política ("aqui a política é festa") e esta associação sugere possibilidades de tradução não apenas para os eventos eleitorais, mas para o próprio termo que é acionado nessa exegese nativa. Dainese (2011) destaca que a festa da política partilha com as festas religiosas o fato de ser um momento importante para a tessitura das relações sociais, na medida em que tanto os acontecimentos políticos quanto os religiosos são extraordinários no sentido de potencializar o contato e o "contágio" entre as pessoas. Tal percepção assemelha-se ao argumento elaborado por Carneiro (2010), ao pontuar a dimensão eloquente das festas, momentos de muitas conversas. Na política há uma intensificação da circulação de palavras (cartas anônimas, fofocas, boatos), algo que, de acordo com a autora, é próprio (mas